

CULTURA POPULAR

1. Conceito de Cultura

A existência humana é existência de pessoas em comunidade, ou seja, comunicação de valores de uma pessoa a outra.

Todos os tipos de comunidade que o homem possa construir, serão consideradas comunidades naturais, num sentido amplo, dado que o homem também é um ser da natureza. Mas, não é enquanto comunidade de seres da natureza que uma comunidade torna-se realmente uma comunidade humana, formada por pessoas, e não simplesmente uma associação natural forçada pelas necessidades exclusivamente vitais. Uma comunidade humana se se faz sentir em razão da capacidade que o Homem tem, através do conhecimento e da ação, de transformar o mundo natural em mundo de cultura.

A própria natureza, tomada globalmente, não tem significação cultural, a não ser em relação ao Homem; em outras palavras, a natureza exprime o que é dado ao Homem e a cultura o que é feito pelo homem. Por outro lado, o mundo cultural não se opõe estaticamente ao mundo natural, mas é a sua transformação dialética em mundo humano, mundo histórico.

Na história não há um começo absoluto, propriamente falando. Quando nós mesmos, indivíduos, surgimos para a história, já nos vemos envolvidos por um mundo de cultura. Nossa criação cultural, na maioria dos casos, é mais uma descoberta (ou redescoberta) do que mesmo criação, embora todos nós, de uma maneira ou de outra, participemos da humanidade como um todo que cria esse mundo de cultura. O mesmo ocorre com as épocas históricas que por sua vez já recebem um mundo de cultura, diante do qual elas reagem, ou simplesmente repetindo ou reformulando; Portanto, enquanto umas épocas são mais monótonas, outras realmente emergem e marcam sua feição característica sobre as demais, definindo-se assim um momento de plenitude da criação humana.

Em qualquer hipótese, sempre o que define a presença dos Homens no mundo são esses elementos de cultura dentro dos quais eles se encontram e cujo sentido deve apreender.

Podemos distinguir então dois aspectos na cultura: o aspecto subjetivo e o aspecto objetivo.

O aspecto subjetivo exprime a cultura como processo de desenvolvimento do sujeito que edifica o mundo cultural, seja o indivíduo, sejam grupos sociais mais vastos, seja a humanidade, que tende a constituir um sujeito cultural universal. Este aspecto representa a ação humanizante da obra cultural, pois só na proporção em que cria obras culturais ou que apreende seu sentido é que o Homem se humaniza.

O aspecto objetivo exprime a cultura como processo de desenvolvimento do mundo a ser transformado pelo Homem: são as obras culturais. Este aspecto existe enquanto a obra cultural encerra uma significação para o Homem, passando assim ao mundo humano. Um sistema de Filosofia, um sistema religioso, uma instituição política, uma obra de arte, um produto técnico, tudo isto é cultura no sentido objetivo. Explicitando: quando um sistema considerado independentemente do sujeito que o criou e dos sujeitos que o assimilaram, contém uma significação para os Homens que se encontram face a ele, temos a cultura no sentido objetivo, isto é, uma forma de cultura.

É a partir de todos esses elementos que formulamos a seguinte definição: a cultura é o processo histórico (e portanto de natureza dialética) pelo qual o Homem em relação ativa (conhecimento e ação) com o mundo e com os outros homens, transforma a natureza e se transforma a si mesmo, construindo um mundo qualitativamente novo de significações, valores e obras humanas e realizando-se como Homem neste mundo humano.

2. Propriedades da Cultura

A cultura é histórica. A iniciativa humana que cria a história é precisamente a cultura. A história não é mais que o desenvolvimento do processo pelo qual se opera a passagem dialética da Natureza em Cultura, ou seja, do mundo natural em mundo humano. Logo, uma cultura ahistórica é um contrasenso. Entretanto, sendo o Homem sujeito da História por ser o criador da cultura, as formas históricas das criações culturais devem situar-se na linha das exigências de realização do Homem. Há valores essenciais que a cultura

deve encarnar as situações históricas infinitamente variáveis., instamente por serem valores constitutivos do ser-homem (sem eles, a cultura é deshumanizante e alienante). Uma determinada cultura histórica é autêntica quando permite a encarnação de tais valores e, portanto, a construção de um mundo-para-o-homem. Nesse caso, a cultura torna-se a expressão autêntica da consciência histórica real do homem (do grupo, da nação, da época).

A cultura é social. Com efeito, a própria sociedade situa-se na linha do processo cultural como elemento essencial de mediação entre as consciências (aspecto subjetivo da cultura) e como elemento essencial de unificação das obras culturais, (por meio de um conjunto de significações que podem ser apreendidos pelos indivíduos que constituem o corpo social (apesar do objetivo da cultura). Assim, a cultura só tem sentido e validade enquanto processo de comunicação das consciências. O mundo cultural, como mundo humanizado, sendo mundo-para-nim é mundo-para-o-outro. Na medida em que esta comunicação se institucionaliza num conjunto de significações, valores, projetos, instrumentos ideais (ex: leis, etc) ou materiais (ex: técnica), temos, precisamente, a sociedade. O indivíduo isolado, evoluindo por "bondade natural" para realizar-se como homem (Rousseau) é um mito. A cultura é autêntica quando a sua dimensão social se desdobra plenamente, isto é, quando suas significações e seus valores podem ser comunicados em sua plenitude a todas as consciências (do grupo, da nação, da época).

A cultura é pessoal. A dimensão da consciência impõe à cultura um caráter inalienável de criação humana. Ela é, por excelência, iniciativa de liberdade, enquanto supera o determinismo da natureza. Logo, a comunicação das consciências que se deve estabelecer pela modificação da sociedade como suporte fundamental das iniciativas e das obras culturais, só pode ser entendida na forma de livre apelo à realização da pessoa, ou seja, a aceitação ativa e livremente consentida das significações, valores e ideais do mundo cultural em que o indivíduo se insere. Só enquanto pessoa, a cultura é mediadora de libertação, isto é, de aprofundamento da consciência-de-si, de passagem do homem "coisa e objeto" (natureza) para o homem "sujeito e pessoa" (história). Como pessoal, a cultura é pluralista. Toda tentativa de nivelamento ideológico, de unificação violenta, faz da cultura instrumento de dominação e alienação e não de libertação e realização.

A cultura é universal. Pelo conteúdo humano de suas significações (aspecto subjetivo) e pela destinação humana de suas obras (aspecto objetivo) o processo de criação da cultura é essencialmente universal, isto é, ele tende, em princípio, a constituir-se em elemento de mediação entre todos os homens. Assim, todo valor cultural autêntico é intencionalmente universal, isto é, destinado à realização do homem como "ser universal". Esta universalidade da cultura não é, entretanto, abstrata, mas concreta, pois que é historicamente encarnada. Assim, a universalidade concreta que torna autêntica uma cultura reside na possibilidade efetiva da comunicação das suas significações, valores, ideais, obras, a todas as consciências que vêm a se encontrar no âmbito da presença do mundo cultural em questão. É como intencionalmente universal que a cultura deve ser dita popular. É também como universal que a cultura é nacional: enquanto integra as consciências dentro da nação no plano de sua realização humana e as situa, assim, na linha do movimento histórico essencial de universalização efetiva é de criação de uma cultura para todos os homens.

3. Cultura e Alienação

As duas estruturas dialéticas fundamentais dentro das quais pode articular-se o movimento de reconhecimento das consciências que constitui a História, são a estrutura de dominação e a estrutura de comunicação ou reconhecimento. A História é, estruturalmente, uma luta pelo reconhecimento das consciências dentro de um mundo humano (luta dos homens com a natureza pelo trabalho e dos homens entre si pelas relações sociais) e esta luta pode ter o desfecho da dominação de uma consciência por outra ou de comunicação das consciências (relação de pessoa a pessoa no livre consentimento a tarefa histórica comum). Ora, o processo histórico é, propriamente, o desenvolvimento do mundo da cultura (mundo humano) nos seus dois aspectos, subjetivo e objetivo. Logo, a cultura como conteúdo específico da dialética histórica, participa de sua dualidade estrutu-

ral e da sua ambiguidade; além do aspecto de criação (o que o homem produz e no qual ele se realiza) a cultura tem também um aspecto que poderíamos denominar aspecto de conflito, de luta, de trabalho, de tarefa concreta imposta ao homem, o aspecto do esforço. Porque a cultura sendo produção de um mundo humano, o Homem realiza as obras culturais através de uma luta, de um trabalho permanente com relação ao mundo e com relação aos outros homens. A tarefa da criação cultural tem, como logo percebemos, duas direções, porque é uma relação livre pela qual posso reconhecer o outro, solidarizando-me com ele ou então utilizando-me dele, dominando-o.

De acordo com estas considerações, a cultura pode, então, ser:

- mediadora de dominação. É temos a mediação da cultura inautêntica, que é:
 - anti-histórica, pois vai contra a corrente de exigência fundamental da história, que é a realização do homem na livre comunicação com outro homem;
 - anti-social, pois destrói a possibilidade das consciências se comunicarem numa tarefa comum, que é a edificação da sociedade como mundo humano;
 - anti-pessoal, pois trás em si uma referência ao outro homem como objeto de dominação;
 - anti-universal, pois bloqueia o movimento de universalização, essencial à História: é particularizante, involutiva (mesmo que atinja elevadas formas de racionalização, como em geral as culturas aristocráticas) enquanto cinde o todo social em grupos privilegiados e grupos espoliados.

-mediadora de comunicação. Nesse caso, a cultura exerce uma mediação autêntica e adquire sua caracterização essencial, como histórica, social, pessoal e universal. Acreditamos que o verdadeiro sentido humano da História reside justamente na criação de um mundo cultural como mundo humano em que as consciências possam reconhecer-se num plano de comunicação, pela mediação da obra comum: a cultura autêntica.

Logo, se entendemos a cultura na sua aceção global, isto é, no seu aspecto subjetivo e objetivo, e no seu conteúdo ideal e material, vemos que ela tem uma estreita relação com a dialética da dominação ou do poder. Melhor: a relação de dominação ou poder está inscrita virtualmente na própria essência da cultura como uma das alternativas possíveis do seu desenvolvimento dialético. Sempre que um elemento da cultura se torna exclusivo de um grupo humano ou de uma classe social, e que a intencionalidade universal da cultura é negada pelas condições concretas de sua apropriação pelo Homem, a cultura é instrumento de poder e dominação de uns homens sobre os outros. É uma cultura alienada e alienante, porque não é humanizante, já que nega o universal do homem. (Elementos de cultura são: as ideias explicadoras e interpretadoras da realidade, os valores que se oferecem a opção da liberdade, as técnicas de transformação efetiva da realidade, os bens materiais que delas resultam e que alimentam a vida do homem em níveis crescentes de bem-estar e segurança, etc. Sua destinação universal deve encarnar-se nas condições concretas que permitam sua comunicação real aos homens pelos quais e para os quais se elabora: só assim a cultura é autêntica).

4. Condicionamentos da Cultura no Brasil

A colonização do Brasil se fez até o século passado principalmente pela ocupação das terras e sua utilização em uma estrutura semelhante à feudal. Numa sociedade dividida entre detentores de terra e trabalhadores da terra, surge uma nova sociedade na qual acham-se os homens distribuídos entre donos de capital e assalariados. As duas formas sociais coexistentes apresentam uma característica constitutiva e por isso imarredável delas, de dependência de uma parte da população a outra. Dependência que se traduz em dominação política e exploração econômica. A justificativa dessa situação implica na elaboração de formas de cultura que se sucederam historicamente, mas que fundamentalmente são culturas de dominação, pelo fato de não por em questão o "stato quo" que permite a permanência dessa situação.

As populações rurais, condicionadas a uma pulverização, dispersas nos desertos dos sertões, ou semi-agrupados em vilas e fazendas, analfabetas, distantes das grandes cidades e ausentes ao processo político e cultural do país, são o exem

plo extremo da submissão. Para elas a única solução é a fuga, o êxodo rural com o agravamento das condições de miséria nas cidades.

Os trabalhadores urbanos, libertos de uma estrutura fechada, pelo rompimento das barreiras que os isolavam, foram então submetidos a um processo de massificação, praticada sob a forma de democratização de uma cultura alienante, através de todos os meios de formação e informação aos quais têm mais ou menos acesso.

Os meios de informação - divulgação de notícias e idéias - entrocizam-se, formando uma terrível máquina que distorce e submete o comportamento da parcela do povo, que nas grandes cidades e periferias, lê jornais, ouve rádio, assiste a programas de TV e cinema. Os meios formais de educação, como escolas e livros, além de promoverem uma educação voltada para as elites e seus interesses, são inacessíveis à maioria das massas populares, mercê das barreiras de custos e privilégios de seleção e promoção, e das desigualdades de condições, francamente desfavoráveis aos grupos mais pobres. Constata-se, por exemplo, no quadro educacional brasileiro, que de 200 alunos que iniciam o curso primário, apenas 90 o terminam. Destes, apenas 10 concluem o secundário e somente um alcança a universidade. A par disso, mais da metade de nossa população é totalmente analfabeta.

A propaganda comercial desempenha a espetacular tarefa de padronizar as atitudes, introduzir hábitos novos, reflexos condicionados e conceitos estranhos na mentalidade do povo submetido com isso a um processo de estúpida massificação. Tão eficiente e sutil é o funcionamento desse processo, cuidadosamente planejado e dirigido segundo técnicas e leis da psicologia, que nos vendem, além de bens de consumo, slogans políticos, idéias, gostos artísticos, hábitos e atitudes.

Em circunstâncias tão sérias, a cultura, orientada pelos grupos privilegiados, funciona como freio e fator de conformismo. As manifestações culturais são, portanto, nas duas condições, fortemente marcadas por características ideológicas que justificam o "stato quo".

Diante desse quadro, é cabível a apresentação da sociedade brasileira como composta por grupos culturalmente dominados e grupos culturalmente dominantes, que impõem uma cultura de reflexo e não de reflexão.

5. Cultura Popular

Como uma época essencialmente antropológica, o mundo moderno oferece aos homens uma possibilidade cada vez mais crescente de domínio da natureza (pois que a transformação do mundo em termos técnico-científicos é uma imposição ao Homem) e, por ser caracteristicamente uma civilização do trabalho, a possibilidade de uma realização humana através do trabalho social que o homem pode fornecer.

Mas, por sua própria feição antropológica, a época moderna é também uma idade ideológica, fazendo com que através das obras culturais (pelas quais o homem realiza) o homem procure justificar-se a si mesmo e na existência histórica em que se encontra impondo, de certa forma, aos outros homens esse modo de existir, através dos atos pelos quais diretamente os homens se comunicam: os valores, idéias, as tendências de uma determinada época, etc.

Assim, o que se verifica no mundo de hoje é uma polarização ideológica dos valores da cultura contemporânea, cujos traços podemos descobrir em todas as manifestações da cultura moderna: a técnica e o poder político, neo-capitalismo e socialismo (polarização que hoje nos aparece mais nitidamente), indivíduo e sociedade (liberdade e solidariedade, dois valores básicos da cultura moderna, que são polarizados ideologicamente em qualquer esfera em que se apresentem), impasse do "terror atômico" e cultura aristocrática e cultura popular.

Embora a cultura moderna tenha uma destinação universal, uma vez que as obras culturais se criam numa perspectiva antropológica, ela, enquanto polarizada ideologicamente, serve, de fato, aos interesses de uma classe, de uma determinada posição social. A esse tipo de cultura, imediatamente se opõe uma reivindicação de cultura popular.

É assim que se explica o fato de, não só no Brasil, mas também em outros países da América Latina, e muitas regiões do Ocidente, terem aparecido, quase simultâ

neamente, como uma espécie de fenômeno coletivo, os diversos movimentos de cultura popular.

Essa polarização ideológica da cultura contemporânea confere uma relação de dominação e diante dela surge um desafio para o Homem: fazer com que a cultura passe de arma ideológica a instrumento de promoção do Homem, ou melhor, a espaço de realização do Homem em que os homens se comuniquem em termos de conhecimento.

Tal a luz decisiva que julga cada época, a validade última de todas as opções, de todos os projetos, de todas as construções humanas.

A significação da cultura popular é precisamente entrar em tensão ideológica contra uma dimensão de cultura de uma classe (polarização ideológica na afirmação de uma cultura contra outra).

Mas, é como intencionalmente universal que a cultura deve ser dita popular, isto é, uma cultura que permita a abertura das consciências num grau de universalidade crescente. É popular a cultura quando é comunicável ao povo, isto é, quando suas significações, valores, ideais, obras, são destinadas efetivamente ao povo e respondem as suas exigências de realização humana em determinada época; em suma, a sua consciência histórica real. É popular a cultura que leva o Homem a assumir a sua posição de sujeito da própria criação cultural e de operário consciente do processo histórico em que se acha inserido.

Por isso mesmo, um movimento de cultura popular é um movimento para a libertação do homem e só tem sentido na medida em que promover o homem não só como receptor, mas principalmente como criador de expressões culturais. Será patente falta de escrúpulos explorar a natural tendência da massa alienada a aceitar formulas gratuitas, impostas de cima, com justificativas e explicações forçadas. Um movimento de cultura popular deverá promover a elaboração da cultura com o povo, fazendo-o participante da comunidade cultural, e não criar uma cultura para o povo.

6. Instrumentos para o Trabalho de Cultura Popular

A cultura popular utiliza instrumentos e métodos próprios de trabalho, instrumentos que se estruturam e se definem a partir das necessidades da comunidade a qual se destinam, numa preocupação de atender as suas solicitações, utilizando motivações adequadas a realidade.

Deve haver a preocupação de se utilizar com prioridade aqueles instrumentos que:

- tenham maior facilidade de penetração no meio do povo;
- possibilitem maior dinamismo no seu trabalho de conscientizar e politizar;
- possam fazer apelo às entidades e organizações já existentes na comunidade;
- façam apelo constante aos valores do povo - aproveitando-os num trabalho progressivo de conscientização e politização.

Objetivos a alcançar: Os instrumentos de cultura popular - alfabetização, núcleos populares, praça de cultura, teatro, artes plásticas, cinema, música, publicações, festas populares, festivais de cultura e todos os outros que se propõem à mobilização popular - são meios de conscientização, politização e organização do povo. Elaborados com e a partir de seus valores fundamentais, são válidos enquanto possibilitam a libertação popular de suas alienações.

Prioridades: Devemos, em AP, ter a preocupação de criar ou estruturar um instrumental de cultura popular quando possibilidades concretas para tal se evidenciarem. A nossa preocupação não será a de lançar mão de uma só vez de todos os meios de cultura popular, mas, prioritariamente, daquele ou daqueles que melhores condições de atendimento às necessidades e aos objetivos propostos oferecerem e, a partir dos novos quadros que surgirem, como fruto de seu trabalho, novas perspectivas de utilização se abrirão. Convém salientar que os instrumentos de cultura popular guardam entre si características próprias mas, como têm um objetivo comum, devem atuar numa dinâmica de intercâmbio e inter-relação constante.

7. Análise dos diversos Instrumentos de Trabalho de Cultura Popular

(a) Alfabetização

A alfabetização se apresenta como uma tarefa imediata e válida, uma vez que:

- parte do próprio interesse do povo, dando-lhe condições objetivas de emancipação cultural;
- levam o povo a conscientização e conseqüente politização.

Nesse sentido, colocamos como prioritário o trabalho de alfabetização de adultos, ficando claro que a alfabetização dentro do trabalho de cultura popular não constitui um fim em si mesma mas se traduz com o objetivo de despertar a consciência do povo e, portanto, servindo como meio e instrumento de sua politização.

Para que, de fato, a alfabetização cumpra êsses objetivos, duas coisas precisam ser consideradas:

(1) A necessidade de um material adequado ao trabalho:

- cartilha elaborada a partir da realidade que apresenta o ambiente, levando-se em conta o vocabulário e os costumes próprios;
- livros-texto para leitura complementar, a partir das exigências e necessidades, de geografia, história do Brasil, ciências naturais, higiene, política e economia;
- manual de aritmética e cálculo;
- manual para professores;
- material áudio-visual que deve ser usado principalmente acompanhando os debates surgidos a partir da leitura complementar feita através dos livros-textos.

(2) Preparação dos alfabetizadores. Diante da nossa perspectiva de uma cultura criadora, devemos caminhar progressivamente para ir tornando o alfabetizado um alfabetizador. A preparação dos alfabetizadores deve ser dada a partir de um curso que lhe forneça as noções básicas para a tarefa a que se propõe, devendo constar:

- preparo técnico ou orientação técnico-pedagógica, familiarizando o alfabetizador com o método a ser usado (global, fonemas ou silabação, podendo ser utilizados através de instrumentos áudio-visuais, permitindo uma alfabetização em ritmo acelerado);
- debate sobre as palavras-chave, isto é, as palavras politizantes contidas no texto da cartilha;
- conhecimento da realidade do meio ambiente, para possibilitar um debate com os alunos sobre seus problemas.

(b) Núcleos Populares

Consideramos indispensável, a fim de que se alcance o objetivo próprio da cultura popular, a criação de núcleos populares com a função específica de politização e organização do povo, trazendo em si a preocupação constante de formar líderes populares, a partir do diálogo. Diálogo este que fornecerá os elementos de formulação da cultura do povo, através da compreensão de suas aspirações e valores fundamentais, fornecendo subsídios para elaboração dessa cultura que retornará ao povo através do teatro, publicações, cinema e de mais veículos culturais.

Meios utilizados:

- debates sobre problemas do próprio meio (analfabetismo, custo de vida, saúde, pauperismo, etc);
- conferências ilustradas ("slides", instrumentos áudio-visuais) sobre temas propostos pelo povo;
- participação nas diversas realizações dos movimentos de cultura popular: publicações, folhetos, campanhas, jornais, etc.;
- cursos específicos (sindicalismo, etc.);
- organização para reivindicações populares (grupos de pressão).

Organização: Os núcleos populares poderiam ser organizados de diversas maneiras, de acordo com as situações locais:

- aproveitamento das organizações populares já existentes (clubes de futebol, associações de bairros e favelas, grêmios, associações de classe, etc) pelo trabalho direto dos militantes de AP nessas diversas entidades;

- criação, quando não existam no local, de tais entidades, tendo como motivação a alfabetização, ou quando estas ofereçam resistência a este tipo de trabalho pela sua estrutura interna.

(c) Teatro

O teatro não se constitui um fim em si mesmo, mas aparece com a função supletiva de conscientização e politização. Suas realizações deverão partir de uma compreensão real da cultura do povo, através de elementos fornecidos pelos núcleos, populares e de alfabetização, mantendo sempre uma posição crítica diante da realidade, que possibilite o debate sobre os temas propostos. Utilizar diversas formas de comunicação: peças, autos, jograis, revitalização do folclore (bumba meu boi, João Redondo, Nau Catarineta, reizado, etc).

(d) Praça de Cultura

Funcionam como centros de recreação e educação, localizados em bairros, favelas ou pontos de referência nas pequenas cidades. Reunem o povo em suas horas de lazer para participar de suas atividades. Têm como objetivo:

- favorecer o desenvolvimento da consciência crítica, através de debates públicos que, quando possível, deverão ser feitos com a participação dos núcleos populares;
- desenvolvimento da capacidade cultural do povo, através de: exposições (arte, painéis, etc), teatros, programas de TV, cineclubes, clubes de leitura, bibliotecas, ciclos de pais, esportes, etc.

(e) Artes

Tem como objetivo fundamental buscar no próprio povo o sentido puro de sua arte, valorizando-a e interpretando-a. Para tanto poderá recorrer a profissionais ou amadores, através de cursos de aperfeiçoamento (desenho, pintura, escultura, cerâmica, tecelagem, etc) e exposições, procurando manter a comunicação com o povo.

- Música: valorização da música folclórica e popular. Como forma de comunicação podem ser utilizados: concertos populares, shows, programas de rádio, coréto, retretas, festivais específicos (conforme os costumes característicos de cada região), corais populares, etc.
- Cinema: como o teatro, deverá partir de uma posição crítica da realidade. Não sendo possível a realização de filmes, torna-se necessária a criação de cineclubes.

(f) Publicações

Aparecem com duplo aspecto:

- elaboração da cultura através da criação de folhetos, poesias, textos, jornais, pintura, etc;
- divulgação, comunicando ao público este trabalho de criação, através de: rádio, TV, feiras de livros, jornais, etc.

(g) Festas Populares

Revitalização e autenticação das festas populares: São João, São Pedro, Natal, Carnaval, etc (conforme as regiões).

(h) Festivais de Cultura Popular

Além desses oito instrumentos citados, devemos nos valer dos meios mais diretos de comunicação com o povo, através de caravanas populares, comícios - passeatas, panfletos, pichamentos, etc., que levem a uma mobilização do povo como forma de pressão popular.

8. Estruturação do Setor de Cultura Popular

Sentimos a necessidade de uma coordenação nacional de CP em AP, afim de que as experiências regionais nesse setor possam não somente servir de subsídios a novas experiências, como também à integração, na medida do possível, dentro de uma linha nacional. É importante que se crie esse setor em AP, pois vemos a CP, como já foi dito, como o melhor instrumento de conscientização, politização e organização do povo. A linha nacional de AP em cultura popular não poderia ser rígida em detalhes técnico-pedagógicos, que adviriam de condições concretas regionais, mas viria como uma orientação geral poli-

tico-ideológicas para um trabalho global de AP em cultura popular, em plano nacional.

Para isso, propomos a seguinte estruturação desse setor:

- em plano municipal - o setor de CP de AP coordenaria os trabalhos de seus militantes engajados nas diversas áreas de atuação: operário, popular, camponês, estudantil, entidades públicas, etc;
- em plano estadual - teríamos o setor de CP que coordenaria os trabalhos de CP no Estado, feito através dos setores municipais;
- em plano nacional - teríamos a coordenação nacional dos setores estaduais.

As coordenações estaduais e nacional do setor de CP promoveriam todos os intercâmbios necessários, os deslocamentos de elementos para o testemunho das experiências, a promoção de formação de quadros técnicos, enfim, atender na medida do possível as necessidades dos setores.

Prioridades de atuação: Acentua-se a prioridade de atuação do setor de CP de AP nas áreas operária, popular e camponês. O trabalho de CP nestas áreas pode ser desenvolvido mais facilmente através das entidades estudantis, para maior possibilidade de ampliação de quadros. O nosso trabalho, no entanto, deve ser no sentido de que os próprios meios (operário, popular, camponês) venham a oferecer, gradativamente, o material humano necessário para atender ao trabalho de cultura popular. Os diversos instrumentos de que se serviria o trabalho de CP trariam a motivação concreta para a organização dessas classes, já que implicam, necessariamente, em conscientização e politização.

Áreas de atuação:

- setor operário. Sindicatos - o trabalho de CP pode, em suas relações com os sindicatos, adquirir características mais populares, na medida em que os operários se integrem no trabalho, partindo para a sua própria elaboração. Para isso, é fundamental o diálogo, a análise crítica e demais comunicações que se efetuariam a partir dos instrumentos de CP;
- setor popular. Bairros e favelas - seria feito o trabalho através das próprias organizações e clubes existentes ou, caso não existam, promover-se-iam pesquisas e o início do próprio trabalho de CP viria motivar a organização dos moradores do local. As motivações para o trabalho de CP nos bairros e favelas devem atender as condições concretas em que se situam os seus moradores;
- setor camponês. As Ligas Camponesas e os sindicatos rurais devem ser nossa primeira preocupação nesse setor e, caso não existam, o trabalho de CP deve ser feito através de "caravanas de cultura", "núcleos populares" e outros instrumentos que possibilitem o trabalho inicial de politização e organização - quando então poderíamos pensar em alfabetização e demais instrumentos (na medida do possível). Os próprios núcleos de escolas radiofônicas em meio camponês devem ser usados para o nosso trabalho de CP.
- setor estudantil. Deve ser feito através dos CPCs ligados às entidades estudantis, mas tendo sempre a não vinculação política, recebendo apenas a promoção destas entidades. Isto faria com que os CPCs não se bitolassem, o que conferiria ao trabalho de CP uma característica nitidamente estudantil, no sentido exclusivista. É importante, pois, que os militantes do setor estudantil se preocupem seriamente com o trabalho de AP nos CPCs, através de uma participação efetiva, inclusive nos encontros regionais ou nacionais de CP, promovidos pelas UEEs e pela UNE.

Relações com entidades públicas: farse-ão para facilitar a aquisição de meios para realizar o trabalho de CP. O trabalho em entidades públicas, ou quaisquer outras já existentes, deverá ser feito buscando a concretização de nossa orientação política e ideológica. Respeitando esta linha, os militantes de AP poderão ter um engajamento profissional nestas entidades.

Em regiões onde não existam movimentos de CP devemos nos servir das entidades públicas para sua criação. Estas entidades devem tender (e a tal devemos nos propor) sempre para a constituição de movimentos autônomos. Nesse setor, é necessário que a atuação do militante de AP seja consciente e cri

